



PUC GOIÁS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

MANHÊS: IMPLICAÇÕES NA AQUISIÇÃO E NO ATRASO DE LINGUAGEM

GOIÂNIA

2021

BIANCA SUDÁRIO PAULINO

MANHÊS: IMPLICAÇÕES NA AQUISIÇÃO E NO ATRASO DE LINGUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, na qualidade de artigo científico, à coordenação do curso de Fonoaudiologia, da Escola de Ciências Sociais e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora: Mestra Larissa Seabra Toschi.

GOIÂNIA
2021

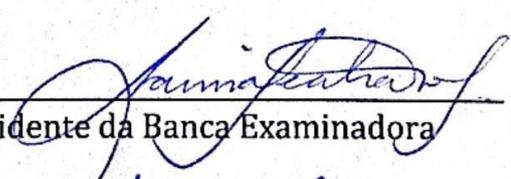
ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos catorze dias do mês de dezembro de 2021, às 19 horas, em sessão pública na sala multiuso da área 4 da PUC Goiás, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora LARISSA SEABRA TOSCHI e composta pelos examinadores:

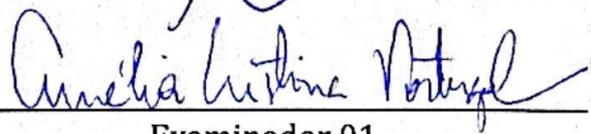
1. Amélia Cristina Portugal
2. Eliane Faleiro

A aluna:

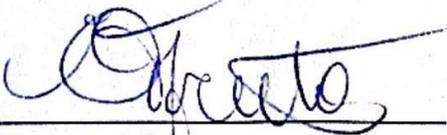
BIANCA SUDÁRIO PAULINO apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **"MANHÊS:IMPLICAÇÕES NA AQUISIÇÃO E NO ATRASO DE LINGUAGEM"**, como requisito curricular indispensável para integralização do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do referido trabalho, divulgando o resultado formalmente às alunas e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.



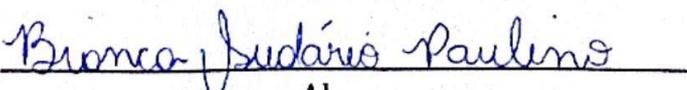
Presidente da Banca Examinadora



Examinador 01



Examinador 02



Aluna

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me abençoado com saúde e sabedoria ao longo da realização do meu trabalho e dos anos percorridos na faculdade.

A minha família e aos meus amigos pelo apoio físico e emocional. Me deram forças para seguir o caminho acadêmico e entenderam a relevância desse trabalho na minha vida.

Aos meus professores pelo carinho e total dedicação, em especial a Larissa, minha orientadora que nunca mediu esforços para atender e solucionar todas as minhas dúvidas, minha eterna gratidão.

RESUMO

Introdução: O manhês é um modo peculiar de comunicação entre mãe e bebê, que consiste em um espaço onde são criadas relações afetivas, direcionadas a fim de promover sentido a essa relação. Inúmeros estudos remetem a relação entre o manhês e a aquisição e o atraso de linguagem. **Objetivo:** Reunir por meio de uma revisão de literatura conhecimentos referentes ao manhês, suas implicações para a constituição do sujeito falante, assim como de relacionar sua ausência com atrasos na linguagem. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Os critérios definidos para inclusão foram: estudos publicados entre 2003 e 2019, que possuíam conteúdo conceitual ou descritivo relacionado ao manhês. **Resultados:** Catorze artigos atenderam aos critérios de inclusão, publicados em diferentes países, sendo compostos por vários tipos de pesquisa e área de base. **Análise:** A análise foi composta por três eixos, sendo eles: “origem e características”, “manhês e aquisição de linguagem” e “manhês e sua relação com atrasos de linguagem”. **Conclusões:** Pode-se considerar que todos os artigos selecionados e abordados no decorrer do trabalho relataram a interferência do manhês na aquisição e desenvolvimento da linguagem. O manhês é citado como precursor fundamental para o desenvolvimento de aprendizados linguísticos e não linguísticos. Todos os artigos abordam a importância do manhês para criação do vínculo afetivo.

Palavras-chave: Manhês, aquisição de linguagem, atraso de linguagem.

ABSTRACT

Introduction: Motherese is a peculiar way of communication between mother and baby, which consists of a space where affective relationships are created, aimed at promoting meaning to this relationship. Numerous studies refer to the relationship between motherhood and language acquisition and delay. **Objective:** To gather, through a literature review, knowledge related to motherese, its implications for the constitution of the subject, as well as to relate its absence to language delays. **Methods:** This is an integrative literature review of the literature. The defined criteria for inclusion were: studies published between 2003 and 2019, which had conceptual or descriptive content related to motherese. **Results:** Fourteen articles met the inclusion criteria, published in different countries, comprising various types of research and base area. **Analysis:** The analysis consisted of three axes, namely: “origin and characteristics”, “motherese and language acquisition” and “motherese and its relationship with language delays”. **Conclusions:** It can be considered that all articles selected and discussed in the course of the work reported the interference of motherese in language acquisition and development. Motherese is cited as a fundamental precursor for the development of linguistic and non-linguistic learning. All articles address the importance of "motherese" for the creation of an affective bond.

Keywords: Motherese, language acquisition, language delay.

INTRODUÇÃO

O modo peculiar de comunicação entre mãe e bebê, popularmente conhecido como manhês, consiste em um espaço onde são criadas relações afetivas, direcionadas a fim de promover sentido a essa relação, conforme explicam Pierotti, Levy e Zorning (2010).

As autoras (*op.cit*) comentam que o modo específico pelo qual uma mãe se dirige ao seu filho se concebe e se diferencia a cada instante. Intitulado como “manhês” por vários estudiosos, provoca no bebê diferentes sensações, dá sentido à forma como se expressa, denota seus sentimentos e o ajuda a discriminá-los.

Por meio desta relação, os pais, muitas vezes de forma inconsciente, produzem um estilo sonoro diferente do habitual, denominado por Kalashnikova, Carignan e Burnham (2017) como “fala dirigida a bebês”.

Outros termos são utilizados como sinônimos do manhês, a saber: *motherese*, *babytalk*, *child-directed speech*, *infant-directed speech*, *mother’s speech*, *maternal speech*, fala dirigida a bebês.

A conversação estabelecida pela mãe com seu bebê, o manhês, utiliza uma prosódia singular, intitulada por Pierotti, Levy e Zorning (2010) como um idioma especial. Qualquer um que esteja produzindo o manhês irá dialogar nesse idioma especial com o bebê, mantendo uma relação extremamente significativa.

Inúmeros estudos remetem a relação entre o manhês e a aquisição e o atraso de linguagem. Desta maneira, o presente trabalho tem o intuito de investigar as implicações do manhês no desenvolvimento linguístico da criança.

METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo reunir conhecimentos referente ao manhês, suas implicações para a constituição do sujeito, assim como de relacionar sua ausência com atrasos posteriores na linguagem, a partir de uma revisão integrativa da literatura.

Os descritores que nortearam as buscas nas bases de dados PubMed, Scielo, Pepsic e Google Acadêmico foram: origem do manhês, pseudo-diálogo mãe-bebê, linguagem no manhês, características presentes no manhês, interação mãe-bebê, relação do manhês com atrasos na linguagem, manhês e aquisição de linguagem, diálogo inicial mãe-bebê.

Para constituição do corpus documental, foram incluídos artigos publicados entre 2003 e 2019 que possuíam conteúdo conceitual ou descritivo relacionado ao manhês.

Após a leitura dos estudos relacionados, três áreas temáticas compuseram as categorias de análise: “origem e características do manhês”; “manhês e aquisição de linguagem”; e “manhês e sua relação com atrasos de linguagem”.

RESULTADOS

Foram levantados 14 artigos para constituir corpus para análise deste estudo. Os estudos relacionados eram provenientes de vários países (Austrália, Brasil, Estados Unidos, Finlândia, Itália e Reino Unido) compostos por vários tipos de pesquisa: estudo de caso/casos clínicos, revisão bibliográfica, estudo longitudinal, estudo experimental, estudo de corte prospectivo, estudo transversal, estudo quantitativo e qualitativo. As áreas de base foram: Medicina, Psicologia, Fonoaudiologia, Letras, Ciências Físicas e Biológicas e Inglês, como pode ser visualizado na próxima página, no quadro 1.

Quadro 1: Caracterização do corpus documental

Título do artigo	Autor/ano	Tipo de pesquisa	Área de Base	País de publicação	Objetivos	Resultados
1. O Estatuto do Manhês na Aquisição da Linguagem.	Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante. 2003.	Revisão Bibliográfica.	Letras (Língua, Linguística e Literatura).	Brasil.	Questionar através da revisão bibliográfica o caráter “facilitador” do papel do adulto nas teorias interacionistas de base comunicativa. Propondo no trabalho um deslocamento da noção de comunicação para a de língua (discurso).	Tal deslocamento permitiu inserir “a interpretação” como lugar da fala do adulto nos estudos aquisicionais. É através da interpretação que o adulto dá sustentação à fala da criança, inserindo-se na língua.
2. Manhês: Uma Questão de Estrutura.	Severina Sílvia Ferreira. 2003.	Revisão Bibliográfica.	Psicologia (especialização em Psicanálise).	Brasil.	Analisar diferentes pesquisas com objetivo de solucionar as seguintes perguntas: porque as mães conversam com seus bebês? Por que elas modificam a fala quando conversam com seus bebês e em que consistem essas alterações? Como os	Os resultados apontam que as mães estabelecem um diálogo com seus filhos com objetivo de demonstrar afeto e de dar sentido as suas produções sendo elas verbais ou não. As modificações características do manhês, comuns nas diversas culturas ocorrem em vários níveis da língua: sintático e discursivo,

					bebês participam dessa conversa?	léxico e prosódico. Essa estrutura é o que singulariza o manhês como um fato de linguagem.
3. Maternal Responsiveness and Infant Intentional Communication: Implications for the Early Communicative and Linguistic Development.	Leila Paavola, Sari Kunnari e I. Moilanen. 2005.	Estudo de Caso.	Medicina.	Finlândia.	Analisar a interação mãe-bebê em torno do início dos comportamentos de comunicação intencional e examinar se a variação individual na frequência de atos comunicativos intencionais entre bebês em desenvolvimento normalmente afetam a responsividade verbal materna. Além de investigar as contribuições da responsividade materna e da comunicação intencional do bebê para ganhos subsequentes nas habilidades	As frequências de respostas maternas e atos comunicativos intencionais do bebê não foram correlacionadas. Quanto às habilidades comunicativas e linguísticas subsequentes, os resultados das análises de regressão indicaram que tanto a responsabilidade materna quanto a comunicação intencional do bebê predizem habilidades abrangentes iniciais, enquanto as habilidades expressivas - o uso de meios comunicativos verbais e gestuais - são previstas apenas pela comunicação intencional do bebê.

					comunicativas e linguísticas iniciais em torno da produção de palavras.	
4. Baby Talk: uma Fala de Adulto Direcionada à Criança. Que criança? Que adulto?.	Christiane Schnack. 2007.	Revisão Bibliográfica.	Ciências Físicas e Biológica; Inglês; Letras (Doutora em linguística Aplicada).	Brasil.	O presente estudo propõe reposicionar o uso de baby talk à luz de estudos sobre socialização da linguagem a fim de compreender esse código em termos de práticas locais e significações culturais através da análise de duas família estudadas.	Embora ocorra baby talk nas duas famílias estudadas, os significados locais que circundam a prática e que a colocam em uso divergem consideravelmente. O uso do baby talk é tomado como sendo mais do que uma forma de facilitar o acesso da criança à língua. É uma forma de socializar essa criança nas práticas locais, de torná-la uma “pessoa em sociedade”.

<p>5. O Manhês: Costurando Laços.</p>	<p>Mariana Moreira de Souza Pierotti, Lidia Levy e Silvia Abu-Jamra Zorning. 2010.</p>	<p>Revisão Bibliográfica.</p>	<p>Psicologia.</p>	<p>Brasil.</p>	<p>Ressaltar a importância da musicalidade da língua materna, dos diferentes tipos de comunicação não-verbal. Considerando que o exercício da função materna não é necessariamente realizado pela mãe biológica, nos perguntamos como crianças, institucionalizadas precocemente, são marcadas ou não pela voz de seus cuidadores.</p>	<p>Esta comunicação (manhês), utilizada por quem exerce a função materna, deixa entrever o investimento realizado na criança, em momento muito precoce de seu desenvolvimento. Em contraposição, observamos que o silêncio em torno do bebê, a ausência de representações que deem sentido ao que sentem, provoca intensa ansiedade e esvaziamento afetivo.</p>
<p>6. Abordagem Terapêutica Grupal com Mães de Crianças Portadoras de Distúrbios de Linguagem.</p>	<p>Fernanda Marafiga Wiethan, Ana Paula Ramos de Souza e Ellen Fernanda Klinger. 2010.</p>	<p>Estudo de Casos Clínicos.</p>	<p>Fonoaudiologia.</p>	<p>Brasil.</p>	<p>Investigar a eficiência da abordagem grupal com mães de sujeitos com distúrbios de linguagem para promover mudanças na interação dialógica da díade mãe-filho.</p>	<p>Mostraram que a intervenção provocou melhorias na interação mãe-filho das quatro díades pesquisadas, de forma a auxiliar as mães no exercício da função materna. Essa intervenção grupal trouxe acolhimento às demandas maternas.</p>
<p>7. Maternal Speech to Preterm Infants During the First 2</p>	<p>Chiara Suttora e Nicoletta Salerni.</p>	<p>Estudo Longitudinal.</p>	<p>Psicologia.</p>	<p>Itália.</p>	<p>Investigar a fala materna dirigida a crianças muito</p>	<p>Destacam um aumento geral na complexidade lexical, sintática e na quantidade de</p>

Years of Life: Stability and Change.	2011.				prematuras, examinando suas mudanças ao longo do tempo e a estabilidade dos estilos individuais maternos.	fala materna durante os primeiros anos de vida. Ao mesmo tempo, os estilos comunicativos maternos individuais parecem estáveis à medida que os bebês crescem, mesmo que entre 12 e 18 meses todos os valores preditivos dos índices diminuam, indicando uma modificação notável nos estilos maternos individuais. Os ajustes verbais maternos parecem ser previstos pelas realizações iniciais do bebê no desenvolvimento vocal e motor.
--	-------	--	--	--	--	--

ANÁLISE

Origem e características

Kalashnikova, Carignan e Burnham (2017) comentam acerca da origem do manhês. Os autores relatam que nos povos primitivos ocorria imposição para que as mulheres abandonassem seus filhos a fim de procurar alimento. Por esta razão, as mães produziam vocalizações mais agudas para suprir a distância física, pois trazia proteção e calmia e conservava a atenção dos seus bebês. Uma vez que os bebês muito pequenos são incapazes de entender os códigos informativos da produção sonora, os adultos passam a se comunicar utilizando meios prosódicos de fala, carregados de expressões emocionais, com comportamentos mais brandos e que não demonstrem uma ameaça. Os meios prosódicos de fala aguçam elucidações gestuais e neurais no bebê a partir da produção advinda do adulto.

O estabelecimento desta relação entre mães primitivas e seus bebês tinha como fator principal a não demonstração de agressividade. Além de tudo, os autores (*op. cit*) relatam que a produção sonora dirigida aos bebês é rica em vogais acústicas (não em virtude dos traços da língua ou dos movimentos da boca, mas sim em decorrência de um trato vocal reduzido por causa da elevação laríngea). Este detalhe acontece em decorrência da determinação inconsciente que os adultos têm de querer passar aos bebês uma fala menos ameaçadora e mais confiante.

Para Sheridan (*apud* Scorsi e Lyra, 2012) a causa dos humanos terem se transformado em seres bípedes e conseqüente pessoas com pelve menores, ocasionou bebês imaturos. Sendo assim, tornou-se necessário que as mães se atentassem a sons que passassem maior calmia a seus filhos, como acontece por meio do manhês.

A fala que os adultos dirigem aos bebês é, segundo Scorsi e Lyra (2012) a exemplificação nítida da diferença desse diálogo quando comparado a fala dirigida a crianças mais velhas. O manhês é parte totalmente relevante no desenvolvimento de vida do bebê, pois atua como recurso comunicativo eficiente entre a mãe e seu bebê. Por meio dessa relação estabelecida que as trocas comunicativas são realizadas, criando assim um processo no qual a maneira de agir de um influencia na do outro. “Os processos de construção e os sucessivos padrões de organização que descrevem o desenvolvimento da

comunicação no início da vida pós-natal vão integrar o manhês e seu papel construtivo nessa comunicação” (SCORSI e LYRA, 2012, p. 296).

Além disso, as autoras (*op.cit*) descrevem a universalidade do manhês. Elas consideram o manhês universal, uma vez que diferentes grupos sociais utilizam essa mesma forma específica para se relacionar com um bebê. As autoras comentam pesquisa realizada por Ferguson (1964, *apud* Scorsi e Lyra, 2012) que confirma esta tese. Foi encontrado em seu estudo semelhança no uso do manhês em seis línguas de culturas totalmente diversas.

Entretanto, existem culturas em que não ocorre o manhês. Membros do grupo de Kalulis na Papua-Nova Guiné não utilizam esta forma de comunicação. Este paradoxo demonstra a relevância em se estudar este aspecto de forma mais aprofundada (Scorsi e Lyra, 2012).

O manhês se diferencia da fala dirigida ao adulto, pois quando estabelecemos um diálogo com um adulto contemos mais a fala, sem a presença de exagero prosódico como é manifestado no manhês (Scorsi e Lyra, 2012).

Em suma, as características principais do manhês são: exagero, diminuição na velocidade, no ritmo e na melodia. Por conta dessas variações o que sobressai quando se vê uma mãe conversando com seu bebê recém-nascido é como ela fala com ele, mais do que o que ela fala (SCORSI E LYRA, 2012, p. 296).

Contudo, a diferença desta produção não está somente na prosódia. O conteúdo é preenchido por frases estruturalmente e significativamente mais fáceis (Scorsi e Lyra, 2012). No decorrer dos primeiros meses de vida do bebê, pouquíssimas produções dirigidas a ele demonstram autoridade e reparo. Além disso, estas frases são apresentadas no presente e utilizam predominantemente substantivos concretos.

A comunicação verbal da mãe com o bebê tem características especiais: “prolongamento das vogais, que a torna mais lenta e sonora, aumento da frequência, que a faz mais aguda, glissandos característicos que a torna mais musical.” (PIEROTTI, LEVY e ZORNING 2010, p. 3).

Scorsi e Lyra (2012) comentam que as mães com mais escolaridade se dirigiam aos seus filhos demonstrando um vocabulário mais rico com presença de enunciados maiores e com poucos enunciados que envolvessem unicamente uma palavra.

As autoras (*op.cit*) explicam que os pais utilizam o manhês de modo diferente das mães. São mais detalhistas em seu diálogo com seus filhos, mencionam os itens e suas particularidades. Comentam, ainda que as mães emitem, durante a interação, produções

mais diretivas com os meninos (com objetivo de conduzir seus comportamentos ou de significar suas produções verbais), enquanto as mães de meninas emitiam mais invocações (com a intenção de perguntar ou solicitar algo à criança e esperar essa resposta, de forma verbal ou gestual).

O prolongamento excessivo do som no manhês faz com que a produção sonora da mãe fique mais fácil de ser compreendida e contribui para que os bebês percebam as pistas acústicas pertinentes e potencializem as redes neurais responsáveis por codificar essas ideias. O exagero da entonação presente no manhês evidencia as características significativas da produção sonora, para demonstrar facilidade em reconhecer seu significado (SCORSI E LYRA, 2012).

No primeiro mês de vida do bebê a mãe busca estabelecer um contato afetivo. Já no decorrer do terceiro mês pode-se evidenciar ações mais comunicativas do bebê. Estas são reconhecidas pela mãe, que o vê como participante ativo e começa assim a elaborar conteúdos mais ricos em quantidade, complexidade e variedade (SCORSI E LYRA, 2012).

Além disso, as autoras (*op.cit*) destacam que as transferências comunicativas entre o bebê e sua mãe consistem em um modelo comunicativo, que se caracteriza durante a interação pelas trocas informativas. É através destas trocas comunicativas e intencionais entre os parceiros que se evidencia o ajustamento conversacional do adulto ao desejo do bebê (por diferentes objetos e pela necessidade de novas informações), estabelecendo uma condição de harmonia dialógica.

Scorsi e Lyra (2012) esclarecem que a voz materna é a explanação real do seu contexto cultural e social, que leva consigo uma história preenchida por significados. E é por meio da interação do bebê com sua mãe que ele começa a adentrar nesse meio social, passando assim a pertencer a uma mesma cultura.

Isso demonstra que o bebê se deixa fascinar pelos elementos contidos na fala materna, não pela informação linguística passada, mas pelos meios prosódicos que esta provoca em sua fala. Pierotti, Levy e Zorning (2010) comentam que na fase inicial da vida, o bebê necessita da introdução expressa da voz materna, que lhe será dirigida, acompanhada pela presença física do “corpo a corpo”.

Para as autoras (*op.cit*) o vínculo inicial com o outro é estabelecido pela voz. É através dela que são constituídos os meios essenciais da presença materna no lugar do outro. A voz atua na instalação do vínculo comunicativo entre o bebê e sua mãe.

Flores, Beltrami e Souza (2011) destacam que os bebês fazem uso do seu vozear de forma rápida, como uma convocação, uma forma de chamar a atenção de sua mãe para si próprio, porque o importante é a presença materna e é essa presença que compensa o uso da sua voz.

Ao levar em conta a forma comunicativa da mãe com seu bebê, pode-se perceber que no decorrer desse trajeto comunicativo a mãe vai assumindo meios distintos no diálogo com seu filho. Primariamente a mãe refere-se ao bebê no plural, logo depois ela começa a dialogar como se ele estivesse conversando. Pierotti, Levy e Zorning (2010) explicam que isso só acontece porque a figura materna se coloca no lugar do bebê. A mãe estabelece com o bebê uma ligação tão forte que começa a falar dele como se fosse ela mesma falando.

No entanto, a mãe vê diante dela não apenas uma criança que manifesta um desconforto motivado por uma necessidade básica, mas um possível interlocutor, que lhe dirige demandas. Trata-se, no entanto, de um interlocutor especial, com quem é necessário falar de um modo particular. (FERREIRA, 2003, p. 21).

Manhês e aquisição de linguagem

Flores, Beltrami e Souza (2011) destacam a real importância que a fala materna representa para constituição do indivíduo, sendo fundamental para aquisição da linguagem, da mesma forma que é para as demandas biológicas. Entretanto, acrescentam que a mãe necessita do feedback do bebê, das suas manifestações, sejam elas gestuais ou sonoras, porque é através desse retorno que a produção materna é preenchida.

Esta fala é considerada fundamental para o desenvolvimento porque é a partir dela que se inicia a relação dialógica.

O diálogo entre mãe e bebê provoca uma “protoconversa”. Este é o primeiro recurso expressivo que é produzido e será preenchido pela enunciação da mãe. Flores, Beltrami e Souza (2011) salientam que é essencial que esse lugar expressivo seja reconhecido pelo outro. Ao escutar a fala materna sincronizada às suas necessidades, e ao escutar a representação linguística da mãe às suas ações (apresentadas de forma verbal ou

não) o bebê atua na linguagem, e isso corrobora para que passe de enunciador a sujeito. Qualquer tipo de interrupção nesse desenvolvimento, por parte da mãe ou do bebê, pode acarretar prejuízos na parte inicial da experientiação enunciativa, que pode espelhar num futuro problema em linguagem, podendo a criança desenvolver ou não a fala.

É notório observar a curiosidade que os bebês têm na produção sonora de suas mães, denominada de “manhês”. Por isso, se um bebê não é instigado por esse modo tocante, entende-se que pode ser devido a uma falta de desejo simbólico por parte da mãe, devido à omissão de oportunidades que deveriam ser priorizadas por ela para efetivar essa relação dialógica (FLORES, BELTRAMI E SOUZA, 2011).

Um dado destacado por Scorsi e Lyra (2012) diz respeito aos achados que mencionam que a fala materna dirigida aos bebês prematuros durante seu primeiro ano de vida é similar a produção materna de bebês nascidos a termo (com relação aos seus traços estruturais).

Diferentes estudos relatados por Suttora e Salerni (2011) demonstram que o impulso da fala materna se diferencia no decorrer dos primeiros anos de desenvolvimento da criança, de modo que se torne mais profundo o modo como as mães se dirigem aos bebês à medida que eles vão crescendo. Além disso, muitos estudos demonstram que a prosódia presente na fala materna se altera ao longo dos anos para acompanhar o desenvolvimento do bebê.

A prosódia é um recurso relevante de propagação do sentido e de compreensão através da interpretação da fala, carregados pelos seguintes componentes: velocidade, duração, ressonância, intensidade, frequência e padrão articulatório de fala.

As funções prosódicas, segundo Barbosa e Madureira (2015), atuam no plano linguístico por meio de funções discursivas, dialógicas, limites ou fronteiras de constituintes prosódicos e de proeminências que assinalam saliências auditivas de um constituinte prosódico em relação a outro. Já no plano expressivo, podem ser: atitudinais, quando expressam atitude ou forma de elocução; afetivas, quando expressam emoções, afeto e humor, e indiciais, quando marcam gênero, origem social e dialeto do falante (*apud* SPLENDORE, CONSTANTINI e SILVA, 2019, p. 174).

A entonação atua como uma ponte inicial que liga o planejamento organizacional da fala e a questão significativa do discurso da língua no decorrer do primeiro ano de vida, estabelecendo sentido ao som (SPLENDORE, CONSTANTINI E SILVA, 2019).

Paavola, Kunnari e Moilanen (2005) mencionam que a partir do nascimento os bebês são vistos como integrantes eficientes na interação. Além disso, expõem que a

habilidade das mães em observar a atenção visual de seus bebês e suas produções vocais ou seus atos exploratórios, e logo após, atender rapidamente de modo apropriado é nomeado como competência de retorno.

A utilização do manhês “multimodal” revela um programa de comunicação totalmente interativo entre mãe-bebê que possibilita a desenvoltura do aprendizado de vocábulos conforme a ordem lexical de cada idioma (GOGATE, MAGANTI E BAHRICK, 2015).

Segundo Dave, Mastergeorge e Olswang (2018), o manhês é dinâmico e se altera de acordo com a influência dos cuidadores, suas ações e seu modo de agir. Para sustentar o foco atencional da criança, seus responsáveis precisam utilizar um traço linguístico diferente que será alternado de forma reativa e eventual. A interferência dessa reatividade materna aos comportamentos do filho no começo de vida, demonstrou estar ligada ao desenvolvimento infantil subsequente.

De acordo com Kalashnikova, Carignan e Burnham (2017) o empenho materno inconsciente tem o objetivo de se aproximar das vocalizações de seus bebês. Durante as primeiras interações, suas produções são capazes de retratar a emoção materna às produções comunicativas do bebê. Essa emoção desenvolvida pela figura materna durante os primeiros dias e meses da vida do bebê é extremamente relevante, pois influencia e reforça o progresso de comunicabilidade, de desenvolvimento cognitivo, social e linguístico.

O intuito da fala específica da mãe é de estabelecer um vínculo baseado na emoção. É esta emoção, tão marcante no manhês, que cria a inter-relação da mãe com seu filho e a torna inicialmente responsável por produzir e conservar essa ligação tão preciosa entre os dois (SCORSI E LYRA, 2012).

O bebê não precisa entender o que sua mãe diz, mas vivenciar fortemente a locução do outro, assim como a sua individualidade, o toca e o sensibiliza. Desta maneira o outro também é tocado e sensibilizado pelas primeiras produções do bebê (PIEROTTI, LEVY E ZORNING, 2010).

A teoria interacionista abordada por Wiethan, Souza e Klinger (2010) defende que é por meio da interação conversacional entre o adulto e a criança que a construção da linguagem e da cognição acontece. A linguagem do bebê se constituirá pela probabilidade

de se estabelecer em diferentes modos numa estrutura marcada pela presença do outro, do sujeito em si e da língua.

Schnack (2007) apresenta a perspectiva de autores que consideram o manhês como um preditor que facilita a aquisição e desenvolvimento da linguagem para a criança, pois facilita o código comunicativo ao qual a criança está inserida. Além disso, na percepção da autora, o manhês não se configura apenas como um código linguístico mas também como um processo histórico e cultural.

A utilização do manhês, além de facilitar a criança ao acesso da língua pela qual está inserida, é a forma de integrar a criança na cultura local, mostrando as características utilizadas nessa sociedade, para que ela também atue. Por esta razão, todo esse conjunto de ensinamentos que o bebê está inserido desde seu nascimento é compreendido como a introdução do bebê na sociedade através da linguagem, para que ele saiba utilizá-la de forma adequada (SCHNACK, 2007).

Essa estrutura se destaca pela presença dos elementos organizadores do texto dialógico: os falantes (mãe e bebê), os turnos de fala (...), a sequência de ações coordenadas (os turnos de fala mantêm entre si uma interdependência) e o evento em andamento (inicialmente, a refeição do bebê). É a presença desses elementos que vai configurar o texto como um diálogo, estruturado conjuntamente pela mãe e pelo bebê, na medida em que os dois contribuem para a construção da conversa, embora que cada um a seu modo, levando, contudo, em consideração a contribuição do outro (FERREIRA, 2003, p. 23-24).

Ferreira (2003) afirma que o princípio para a formação do discurso mãe-bebê é a convicção que a mãe tem de que toda e qualquer manifestação da criança tem um objetivo, uma função e um receptor a quem tudo se destina. Por meio desta compreensão, a figura materna interpreta tais manifestações como produções sonoras. Além disso, por mais que a criança não esteja a par de toda as características peculiares de uma língua, e nem tenha se apossado da fala, ela não está perdida quanto a expressão e a forma dinâmica pela qual os sons são produzidos na linguagem.

No momento inicial, a mãe apenas sustenta as manifestações sonoras e comportamentais de seu filho, que depende completamente dessa sustentação. A mãe assume a importante responsabilidade de dar significado e introduzir o bebê como um ser falante. Logo depois, o bebê fica enraizado submetendo-se ao funcionamento dessa língua, em paralelo a sua constituição de sujeito. Por isso, à aquisição da linguagem é apropriada como um caminho contínuo de subjetivação (FERREIRA, 2003).

É justamente devido a essa relação estreita que as crianças se beneficiam da interação com o interlocutor para a construção do seu processo de aquisição da linguagem, o que evidencia que ele não ocorre apenas em função de um ou de outro, mas sim por meio de processos interativos (SPLENDORE, CONSTANTINI e SILVA 2019, p. 173).

A produção sonora pela qual a criança é exposta é um importante aspecto de aprendizagem da linguagem, já que é inteiramente tocada por ela, pois o adulto muda a fala quando se dirige a criança em todos os componentes da linguagem: semântica, sintática, morfológica, fonológica e pragmática (SPLENDORE, CONSTANTINI E SILVA, 2019).

De acordo com as autoras (*op.cit*), a produção sonora destinada a criança é dividida em partes. A primeira é usada como estímulo sonoro para manter e engajar a atenção do bebê, depois é aplicada com sentido de ativar a emoção, de transmitir sensações intencionais aos bebês um pouco mais velhos. A partir do momento em que a criança já entende o real sentido das palavras, as entonações e pausas do manhês se modificam de forma a facilitar a desenvoltura da linguagem.

Pierotti, Levy e Zorning (2010) comentam que autores clássicos da Psicanálise já atribuíram relação do manhês com o desenvolvimento da criança. Para Freud, a percepção da entonação da voz materna tem total interferência no modo como ela será experimentada pelo bebê. Já para Dolto, o indivíduo que cumpre o papel materno precisa investir fortemente na questão emocional do bebê, buscar entender do que ele precisa em cada momento, de um afeto ou de um estímulo auditivo para se acalmar.

Dave, Mastergeorge e Olswang (2018) mencionam que bebês de dois meses já compreendem a fala e ação carinhosa de sua mãe, como os sorrisos e as expressões realizadas no momento de troca. Os significados produzidos na maternagem se alternam a medida que o bebê faz-se mais ativo e eficaz na comunicação afetiva.

Outro dado significativo é destacado na pesquisa de Herrera et al (2004, *apud* Scorsi e Lyra, 2012), que relata variações na produção do manhês produzido por mães com depressão em comparação às sem depressão. Através desta pesquisa pôde-se concluir que as mães com quadro depressivo apresentaram menos sensibilidade a seus filhos, produziram menos considerações e mais recusas, pronunciando falas mais críticas e diretivas, em enunciados com pouca afetividade e informações pertinentes. Ao longo do percurso observa-se estabilidade em sua fala, como se a mãe ignorasse o crescimento de seu filho em decorrência do transtorno mental que vivencia.

Cavalcante (2003) comenta que as modificações na fala produzidas pelos pais, ou por qualquer um que exerça esse papel com o bebê, tem como objeto principal favorecer o desenvolvimento de linguagem. Alguns estudos bem documentados mostram que é função dos pais apresentar todas as regras pragmáticas como também de nomeação a seus filhos.

A fala do adulto é tida como um facilitador importantíssimo para o desempenho comunicativo, assim como a interação que é estabelecida. O sentido é de que essa produção dirigida pelo adulto à criança propicie o desenvolvimento da linguagem, pois desta forma o adulto exerce o papel de parceiro comunicativo e envolve completamente o bebê nessa troca comunicativa (CAVALCANTE, 2003).

Para a autora (*op.cit*) a partir do momento em que os estudos aquisicionais passaram a dar relevância a função exercida na interação da criança com o adulto, a linguagem enquanto comunicação começou a ser o eixo da análise, ressaltando a colaboração dos componentes criança-adulto na relação interativa para o progresso da linguagem. É por meio da interpretação significativa materna que a criança se subjetiva durante a relação com o outro.

Splendore, Constantini e Silva (2019) relatam uma pesquisa que tinha como objetivo investigar a relação entre os padrões prosódicos da fala materna e a constituição do processo interativo entre a mãe-bebê, assim como discutir a importância dessa experiência precoce da criança no seu processo de aquisição da linguagem. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e de gravação da interação entre o bebê e sua mãe.

As autoras (*op.cit*) concluíram que as mães analisadas propunham espontaneamente o diálogo com seus filhos. Esse diálogo sofria alteração em decorrência da idade (pois o manê diminuiu), assim como a resposta dada por cada criança. As crianças mais novas interessavam-se mais pelo manê por permitir o fortalecimento do vínculo com sua mãe e por possibilitar sua imersão ao mundo exterior e a linguagem.

No tocante a subjetivação, o vínculo materno-bebê, ou quem atue nesse papel, possibilita a criança se formar enquanto sujeito através da linguagem. Quando essa constituição não acontece, é notório que pode emergir um distúrbio de linguagem.

Somado a isto, é necessário considerar a importância da atividade dialógica, e os problemas que a fala ou ineficiência desta causam, tanto

no âmbito familiar quanto social. Isto deve ser considerado, uma vez que a própria condição de infans já autoriza o adulto a assumir a responsabilidade pelo “falar”, ou seja, a criança depende do que dizem dela, sendo isto potencializado em casos de ausência de fala (WIETHAN, SOUZA e KLINGER, 2010, p. 443).

Manhês e sua relação com atrasos de linguagem

Flores, Beltrami e Souza (2011) realizaram uma pesquisa no Serviço de Fonoaudiologia de uma instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul com objetivo de analisar a conversação de duas mães (uma que utilizava o manhês e a outra que não). A mãe de um dos bebês analisados produzia muito bem o manhês com o filho. Fazia-se presente durante a conversação, ofertava aberturas para a troca de turnos da fala, de forma que ele se introduzisse nessa relação produzindo resmungos, gorjeios, risos ou até mesmo choros. A conversação fluía da melhor forma possível. Além disso, dava significado a toda produção sonora e/ou ação comportamental do filho.

Em contrapartida, a mãe do outro bebê se dirigia ao filho de maneira mais simples, distante do manhês, com uma entonação mais próxima à fala dirigida ao adulto. A mãe não estabelecia um vínculo comunicativo intencional com o filho e ambos não estavam em conformidade. Sempre que ele a olhava, ela mais que depressa desviava o foco atencional para a avó. Fica evidente que se esse processo interativo não acontece, dificuldades surgem no decorrer da apropriação linguística (visto que com 1 ano e 3 meses esta criança ainda não produzia nenhuma palavra). Provavelmente, por não ser escutado e não se escutar na voz do outro, (o bebê) parece não desejar se fazer escutar, demonstrando dificuldade em se colocar verbalmente na conversação.

Não se pode dizer com clareza que nos casos citados acima o começo da apropriação da linguagem e a quantidade de palavras que essas crianças produzem estabelecem relação direta com a utilização do manhês, já que existem diversos fatores que influenciam na aquisição, por exemplo a disposição biológica. Porém, pode-se dizer que (o bebê da díade que não fez uso do manhês) apresentando ou não um comprometimento biológico para a linguagem, não poderá compensar tal comprometimento, pois não tem a disponibilização de interações que permitam tal feito.

Flores, Beltrami e Souza (2011) concluem que qualquer ruptura mínima no início do desenvolvimento constitucional do bebê pode acarretar muitos prejuízos em sua identidade subjetiva e até mesmo em seu processo linguístico. É a partir desse

reconhecimento do sujeito que o bebê terá capacidade de reconhecer-se como comunicador, conhecer o papel que realiza na sociedade, é que realmente vai sentir desejo em se colocar para alguém a ponto de escutar o que ele tem a dizer.

Segundo Caskey *et al* (2011) a exposição adiantada da linguagem pela mãe é extremamente importante, pois ela influencia no desenvolver normal de fala e de todo “processamento” da linguagem. Os autores comentam uma pesquisa realizada com bebês prematuros que são cuidados na UTI neonatal (em um momento em que estariam ouvindo e aprendendo a prosódia da fala de suas mães). Os dados foram colhidos por meio do processador de linguagem digital, LENA (*Language Environment Analysis*) que utiliza algoritmos de identificação da voz para contar as palavras e as vocalizações do adulto para a criança.

Os resultados demonstram que quanto mais o bebê é exposto à linguagem pelo adulto na UTI neonatal, maior será a produção de vocalizações recíprocas, que represente um diálogo inicial significativo e funcional. Se os bebês prematuros não estivessem na UTI neonatal, estariam na barriga de suas mães, escutando a sua fala, que carregam entonação única.

Splendore, Constantini e Silva (2019) relatam um estudo que demonstra a relação entre a entonação e distúrbios de linguagem. O intuito do estudo foi levantar pesquisas publicadas em bases de dados internacionais que analisassem a relação da compreensão/produção da entonação aos distúrbios de linguagem. Os autores concluem que a entonação é importante para a formação do sujeito na linguagem pois ela também é interação e expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que todos os artigos selecionados e abordados no decorrer do trabalho relataram a interferência do manhês na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Além disso, os estudos evidenciaram a relevância do manhês para a constituição do sujeito, não só na linguagem, como também na sociedade.

A revisão integrativa apresentou questões culturais envolvidas no manhês, como sua universalidade, confirmada por Ferguson (1964, apud Scorsi e Lyra, 2012) que atesta sobre a presença do manhês em culturas diversas.

O manhês é citado no decorrer dos estudos selecionados como precursor fundamental para o desenvolvimento de aprendizados linguísticos e não-linguísticos. Além das questões linguísticas e sociais, todos os artigos abordam a importância do manhês para criação do vínculo afetivo.

A maioria dos artigos encontrados tinha como área de base a Psicologia, e essa prevalência deve-se à valorização dada ao desenvolvimento psicoemocional, cuja origem é estabelecida pela presença do manhês.

Poucos artigos da Fonoaudiologia referiam o manhês. Este fato pode ser considerado perturbante, pois do mesmo modo que a Psicologia trata os primórdios do desenvolvimento emocional, a Fonoaudiologia deveria se ocupar das origens da aquisição da linguagem, uma vez que é a área que atua com os atrasos de linguagem.

Após a realização deste estudo, pode-se afirmar que o conhecimento acerca do manhês deveria ser frequente entre os fonoaudiólogos. Seja para realizar orientações (no trabalho com atrasos de linguagem) ou para utilizar em sua prática clínica, pois tal conhecimento o fará utilizar uma fala que constitui o sujeito, interpreta a produção da criança e a considera como um futuro sujeito falante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASKEY, M.; STEPHENS, B.; TUCKER, R.; VOHR, B.. Importance of Parent Talk on the Development of Preterm Infant Vocalizations. **Pediatrics**, Estados Unidos, [S.L.], v. 128, n. 5, p. 910-916, out. 2011.

CAVALCANTE, M. C. B.. O Estatuto do “Manhês” na Aquisição da Linguagem. **DLCV - Língua, Linguística & Literatura**, Brasil, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 147-156, out. 2003.

DAVE, S.; MASTERGEORGE, A. M.; OLSWANG, L. B.. Motherese, Affect, and Vocabulary Development: Dyadic Communicative Interactions in Infants and Toddlers. **Journal Of Child Language**, Inglaterra, v. 45, p. 917-938, 2018.

FERREIRA, S. S.. Manhês: uma questão de estrutura. In: I Encontro Nordestino de Psicanálise e Clínica com Bebês, 3ª Jornada de Psicanálise, Pediatria dos Hospitais Universitários Alcides Carneiro (CG) e Lauro Wanderley (JP), Campina Grande-PB. **Núcleo Interdisciplinar de Intervenção Precoce da Bahia**, p. 19-29, 2003.

FLORES, M. R.; BELTRAMI, L.; DE SOUZA, AP. R.. O Manhês e suas Implicações para a Constituição do Sujeito na Linguagem. **Distúrbios da Comunicação**, Brasil-Paraíba, v. 23, n. 2, p. 143-151, 2011.

GOGATE, L.; MAGANTI, M.; BAHRICK, L. E.. Cross-Cultural Evidence for Multimodal Motherese: Asian-Indian Mothers' Adaptive Use of Synchronous Words and Gestures. **Journal of Experimental Child Psychology**, Estados Unidos, v. 129, p. 110-126, 2015.

KALASHNIKOVA, M.; CARIGNAN, C.; BURNHAM, D.. The Origins of Babytalk: Smiling, Teaching or Social Convergence?. **Royal Society Open Science**, Austrália, v. 4, n. 8, p. 1-11, 2017.

PAAVOLA, L.; KUNNARI, S.; MOILANEN, L.. Maternal Responsiveness and Infant Intentional Communication: Implications for the Early Communicative and Linguistic Development. **Child Care Health Dev**, Finlândia, v. 31, n. 6, p. 727-735, 2005.

PIEROTTI, M. M. D. S.; LEVY, L.; ZORNING, S. A-J.. O Manhês: Costurando Laços. **Estilos Clin**, Brasil-São Paulo, v. 15, n. 2, p. 420-433, 2010.

SCORSI, L.; LYRA, M. D. C. D. P. D.. O Manhês e o Desenvolvimento da Comunicação Adulto-Bebê: Uma Revisão da Literatura com uma Proposta de Análise Microgenética das Trocas Mãe-Bebê. **Interação em Psicologia**, Brasil-Curitiba, v. 16, n. 2, p. 293-305, 2012.

SCHNACK, C.. Baby Talk: Uma Fala de Adulto Direcionada à Criança. Que criança? Que adulto?. **Unisinos**, [S.L.], Brasil, v. 5, n. 2, p. 115-124, 2007.

SPLENDRE, K. M.; CONSTANTINI, AC.; SILVA, K. C. B. D.. Investigação da Prosódia e da Linguagem na Interação Mãe-Bebê. **Working Papers em Linguística**, [S.L.], Brasil-Santa Catarina, v. 20, n. 1, p. 172-188, 2019.

SUTTORA, C.; SALERNI, N.. Maternal Speech to Preterm Infants During the First 2 Years of Life: Stability and Change. **International journal of language & communication disorders**, Itália, v. 46, n. 4, p. 464-472, 2011.

WIETHAN, F. M.; SOUZA, AP. R. D.; KLINGER, E. F.. Abordagem Terapêutica Grupal com Mães de Crianças Portadoras de Distúrbios de Linguagem. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, [S.L.], Brasil, v. 15, n. 3, p. 442-451, 2010.